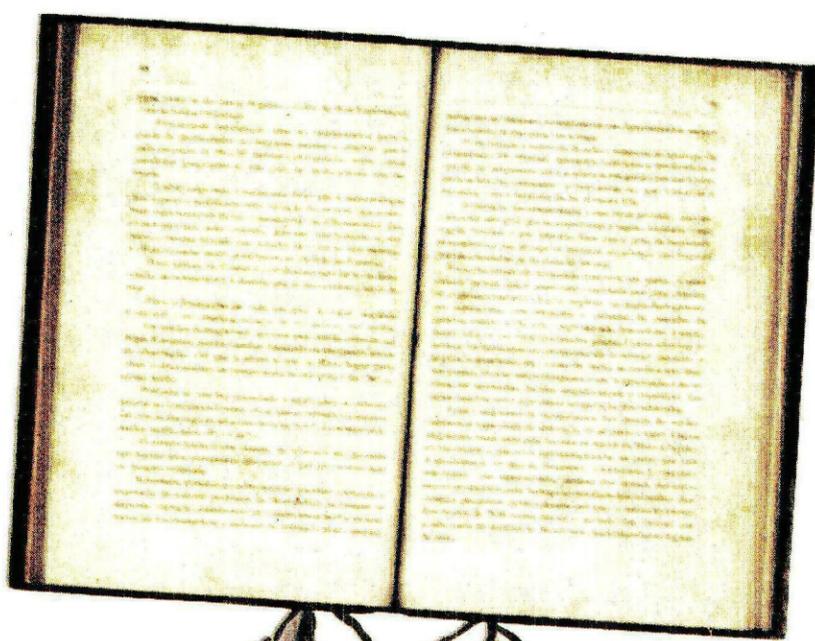
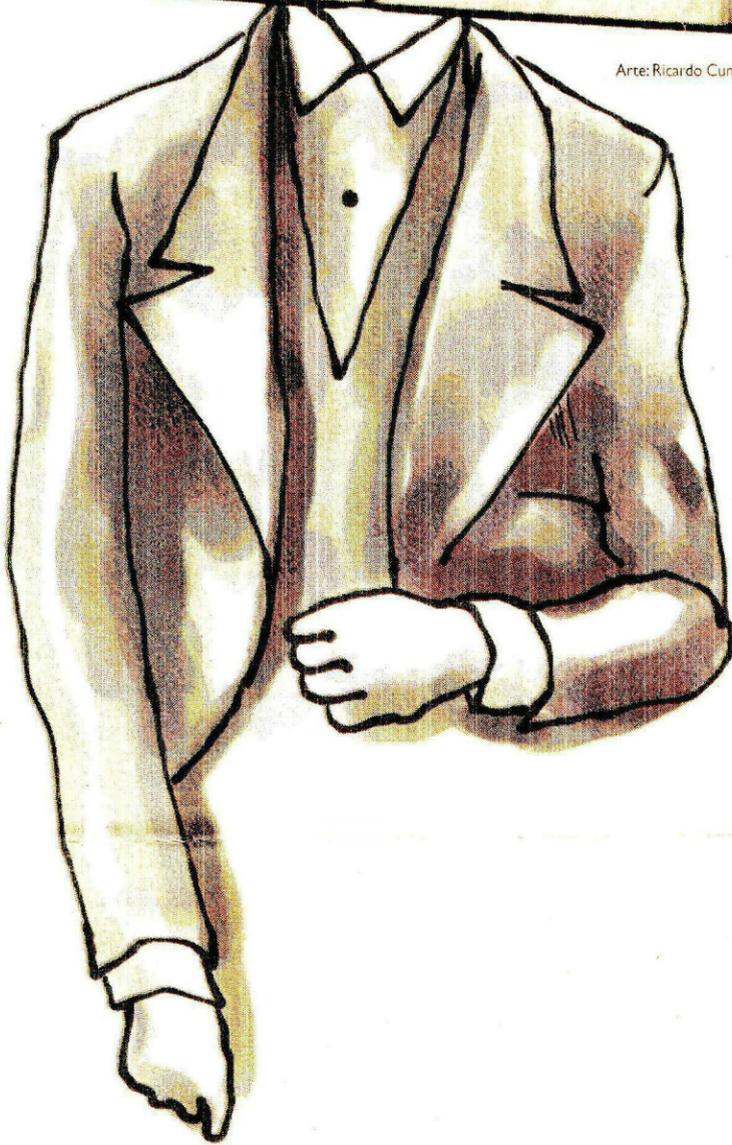


# O perene e o efêmero



Arte: Ricardo Cunha Lima



## AS OBRAS, INTELLECTUAIS OU MATERIAIS, FEITAS PARA BEM SERVIR À COLETIVIDADE, RESISTEM AO CURSO DO TEMPO

A proximidade do centenário de publicação de *Os Sertões*, em dezembro de 2002, está justificando os primeiros comentários a respeito do fato. E justamente. Não se acentua a importância apenas de um livro, mas de uma obra. O relevo é de uma obra de arte, revestida de conteúdo científico: histórico, geográfico, sociológico, etnográfico. O que seria uma notícia sobre o acontecimento de Canudos converteu-se na interpretação profunda da terra, da gente, do fenômeno observado. O realce da diferença entre o poder organizado e a decisão de homens simples e quase invencíveis tem projeção dramática. A descrição dos pormenores da região e de sua cultura, em comparação com o surpreendente fato histórico visto, vivido e analisado, tem dimensão de uma cena de perspectiva universal. E tudo em linguagem trabalhada e culta.

A grandeza da obra de Euclides da Cunha faz que se recorde o panorama intelectual que a sucedeu, ao longo do século XX. A simplificação do estilo, a ponto de tentar-se o desprezo à notável contribuição de Rui Barbosa. A Semana de Arte Moderna gerando nova imagem da inteligência brasileira. A afirmação de romancistas do valor de José Américo, Jorge Amado, Josué Montello e outros, revelando a criatividade de uma geração privilegiada e inovadora. A singularidade da produção sociológica de Gilberto Freyre renovando o conhecimento da sociedade nacional. Ao lado desses e outros escritores ilustres, houve também quem aparecesse e sucumbisse sem glória. Era o efêmero em meio ao perene. Mas a obra de Euclides da Cunha permaneceu intangível. Numa época de redução do estilo a linguagem vulgar, o tecido aprimorado de sua escrita não prejudicou a expansão do livro denso e minucioso: deu-lhe prestígio.

A obra entrou na história da literatura como exemplo para diferenciar o perene e o efêmero. Como os governos que buscam mudar a paisagem social e econômica resistem às transformações, ao passo que são esquecidos os preocupados com o culto da personalidade, o conteúdo de *Os Sertões* sobrevive a escolhas e preferências culturais. A substância e a força transmitidas às volumosas páginas garantiram a imortalidade do autor. É o que ocorre, igualmente, com *A Cultura Brasileira*, de Fernando de Azevedo, ou os versos de inspiração social de Castro Alves. Imagem idêntica, também, é a que ressurge, a cada passo, do trabalhado re-

formador de Otávio Mangabeira no Ministério das Relações Exteriores, sobretudo nas instalações do Arquivo e da Biblioteca, como há pouco referiu, com justiça, o embaixador Maurício Nabuco, em livro de memórias. É que as obras, intelectuais ou materiais, feitas para bem servir à coletividade, resistem ao curso do tempo. Diversamente, as realizadas na ânsia de publicidade refletem, rápido, a fraqueza de sua estrutura, desaparecem e entram no esquecimento coletivo.

Os que trabalham para produzir idéias, e não páginas em quantidade, subestimam a prensa e valorizam a perfeição. Flaubert preferia refletir e demorar a multiplicar linhas tortas. Josué Montello conta, sem nenhum deslustre, seu esforço de artesão revendo e corrigindo páginas de contos e romances. Sem dúvida, há privilegiados que escrevem bem e em borbo-tão, nem por isso dispensando a correção, que imprime beleza aos textos. Todos os testemunhos idôneos atestam a fluência com que Rui Barbosa produzia. Os seus originais, porém, mostram o cuidado de revê-los, para aperfeiçoá-los. Não acreditava na obra acabada de um jato. No discurso do Colégio Anchieta desdobrou edificante lição de prudência, de amor ao estudo e de repulsa à improvisação. "É a assiduidade na educação metódica, aconselhou, que descobre as grandes vocações e amadurece os grandes escritores, os grandes artistas, os grandes observadores, os grandes inventores, os grandes homens do Estado". Mes-

mo os "portentos" e os "gênios", acrescentou, "as mais das vezes os cria a paciência e a perseverança". E na Oração aos Moços, já perto da morte, ensinou sobretudo o desempenho perfeito da tarefa assumida. Advertiu que ninguém deve iniciar uma caminhada sem apurar suas condições, sem "entrar em conta com as suas forças, por saber se a levarão ao cabo". E incisivo: "Cada um há de acabar a sua tarefa". Era o sábio sugerindo humildade e afincamento no trabalho. Em vez da ligeireza, que mutila o esforço, preconizava a atenção e o zelo, que asseguram o remate da obra.

Essa é a grande lição para todos os tempos. Se o torvelinho de hoje exige mais velocidade, não pode levá-la à disparada, em que se perde o destino. Senão, em prejuízo do trabalho humano, o efêmero substituirá o perene.

JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNB E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPIS



POR  
JOSAPHAT  
MARINHO